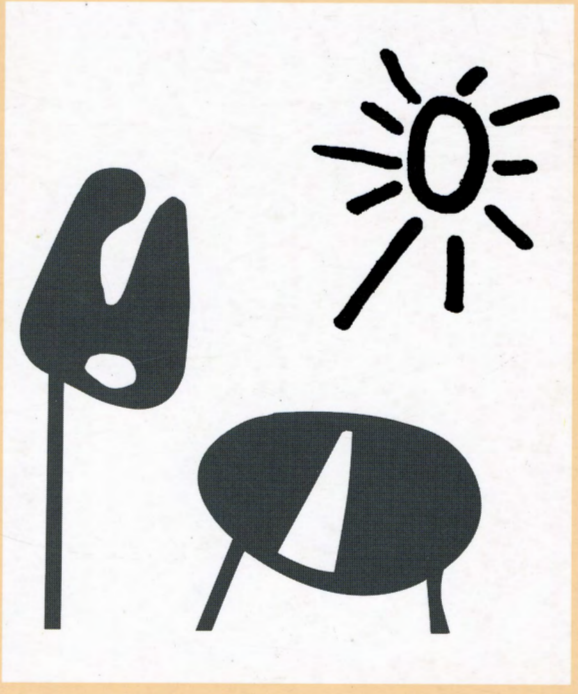
JAIME SALAZAR SAMPAIO
TEATRO COMPLETO

Introdução de SEBASTIANA FADDA

I



BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

ULFL017 00075
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

Introdução de SEBASTIANA FADDA

I

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

TEATRO COMPLETO

DE

JAIME SALAZAR SAMPAIO

APROXIMAÇÃO

APROXIMAÇÃO

PERSONAGENS

LUIZ ALVES

SOARES

UM PAR DE JOVENS ELEGANTES

Bar moderno. Ao fundo, num salão invisível para o público, está a decorrer uma reunião mundana: música, cantos, bater de palmas, gargalhadas.

LUIZ *(para o Barman)* — José, outra dose. A vida é um envenenamento progressivo. *(Pausa.)* Os nossos antepassados, sim: comiam os frutos das árvores, acendiam fogueiras ao abrigo do vento, pisavam a terra descalços. Depois a necessidade criou a inteligência.

E a inteligência nunca vem sozinha... quando o delírio da posse a acompanha... aparecem os ricos, os muito ricos e os seus corolários — crianças rotas e famintas, mulheres de compra e legiões cinzentas. Quando a inteligência é acompanhada pela inércia... aparecem os bêbados assim... *(Pausa.)* José, acabo de te instruir em dois pontos fundamentais: a História da Humanidade e a minha própria História... Ainda te quero dizer...

SOARES *(entrando, expansivo)* — Oh, meu velho Luiz! Há que séculos!

LUIZ *(estendendo-lhe a mão)* — Homem, fazia-te no estrangeiro *(volta de novo o banco para o balcão e pega no copo).*

SOARES *(excitado, senta-se no banco ao lado)* — Voltei há quatro dias... E é que já tinha saudades.

LUIZ — De quê?

SOARES — Ora, disto tudo... Dos amigos principalmente. E agora encontrei-te. Estás fino, meu velho... na mesma... Um menino.

LUIZ *(mostrando o copo)* — De conserva.

SOARES *(rindo)* — Quem me diria a mim!... Logo havia de encontrar o meu velho amigo. Palavra de honra... se eu esperava isto!... E agora reparo... Fugido da festa, não é? *(batendo-lhe no ombro)* sempre o mesmo inacessível lobo solitário.

LUIZ — Solitário, não vejo porquê. Eu sou o mais sociável dos homens, não é verdade, José?

JOSÉ *(que tem estado ao fundo ocupado em qualquer coisa — monotonamente)* — Sim, senhor. É verdade.

SOARES — Sempre na pilhéria. O meu velho Luiz... É que não mudaste... Só se estiveres mais novo... *(Há uma pequena pausa em que Soares fita José com uma exagerada atenção.)*

SOARES — E os outros? que tal se têm portado os outros rapazes?

LUIZ — Rapazes?

SOARES — Sim, os nossos antigos condiscípulos, homem!

LUIZ — Ah...

SOARES — O Manuel Abreu?

LUIZ — Singrou.

SOARES — Ainda bem. O Rogério?

LUIZ — Subiu. Algodão, conservas, prédios de rendimento...

SOARES — Aí, meu velho patrício! Não me deixaste ficar mal. O Rogério sempre foi um rapaz cheio de qualidades, sabes? E o Cabral?

LUIZ *(com um gesto vago)* — Bem. Desse não sei nada. Dizem que anda por aí. Foi porteiro, não sei onde. Desse não sei nada...

SOARES — Também não éramos muito chegados. Ele tinha um feitio esquisito.

LUIZ — Sim, vocês eram muito diferentes, o dia e a noite. Um monte de estrume e uma braçada de flores... vocês eram muito diferentes...

SOARES *(rindo, satisfeito)* — Felizmente.

LUIZ — Pois, felizmente. O Cabral era um bom companheiro...